

# Psicanálise e semiótica: algumas teses\*

PHILIPPE SOLLERS

1. Tanto a psicanálise como as diferentes teorias da linguagem em curso nos países ocidentais estão limitadas por duas margens de questionação prática: o materialismo histórico, a «arte».

2. Por «arte», entende-se o lugar múltiplo, diferenciado, de práticas exponíveis como ideológicas, mas, em sua retracção material, irredutíveis a toda a metalingua. Por materialismo histórico indica-se apenas aqui a relatividade dos conhecimentos segundo o modo de produção e a luta de classes num dado momento histórico.

3. O futuro da psicanálise é ir, cada vez mais, «tomar o lugar» da religião. Ser a verdade, de uma certa maneira sempre singular, dessa ilusão. A psicanálise é a explicação interna do fenómeno religioso (de que o marxismo não dá senão as condições externas de existência). Ele define um espaço de transferência (transfert) do sexo em discurso, do discurso em economia sexual, funcionando como batimento histerico, ritual obsessivo, friabilidade esquizofrénica, interperelação paranoíca, rejeição fóbica, culto perverso. A psicanálise põe a nu o «meu-pai-meu-filho-minha-filha-minha-mãe» divinizado-fetichizado da reprodução da espécie em perda de gozo. Diz o que os pais deviam saber e nunca souberam. Consequência social: os «pais» da pequena burguesia fascinada pela psicanálise na proporção da sua miséria sexual prática, é a burguesia. A pequena burguesia sonha com ser uma burguesia sabedora. Ela não imagina por um segundo que a sua loja de fantasmas possa ser literalmente tornada caduca por uma revolução proletária. Exemplo, se se regressa da China, a primeira e única pergunta do pequeno-burguês angustiado será: «E a vida sexual na China?» O que se pode entender assim: sobretudo, diga-me que a neurose obsessiva continua a ser central em todas as sociedades. Sobre tudo, diga-me que não há mulher (quer dizer: confir-

me-se que o mercado do falo — mulher objecto de troca entre homens — não é posto em questão), etc. A angústia perceptível nesse momento tem todas as características de uma denegação existencial lastrada com todo o peso do seio primordial.

4. Ou a psicanálise se limita a ocupar, com um disfarce, o antigo edifício religioso ou sagrado (com um disfarce, fazendo funcionar a eficácia da indiferença sexual, o ponto de fuga da mãe fálica) ou ela reconhece a sua data e o seu lugar de nascimento (a crise do imperialismo, a mutação da economia sexual, o desmoronar do patriarcado, a base feminina até aí passada em silêncio, o vazio que se lhe segue, etc.) e, nessa altura, conhecendo-se como sintoma, pode também saber o que faz.

5. Teste: a questão do matriarcado, da comuna primitiva, da transição para a sociedade de classes. Um psicanalista tem de ser julgado sobre este ponto (cf. Reich, L'Irruption de la morale sexuelle).

6. Um psicanalista que ignore hoje o materialismo histórico é tão anacrónico como um marxista que, por exemplo, não tivesse registado o desaparecimento do «realismo socialista». Tão anacrónico como um linguista que continue a falar da lingua como se Joyce ou Artaud aí não tivessem intervindo. Tão anacrónico como o papa lutando contra o divórcio: em breve não lhe restará senão benzer ciclistas.

7. Trabalho e despesa (gozo): prática social em tal ou tal momento das contradições entre forças produtivas e relações de produção, entre base económica e superestrutura. Análise das relações de reprodução. Nova prática e interpretação dos discursos.

8. No fundo, até à Revolução chinesa, não havia a certeza, historicamente, de que o cristianismo não permanecesse como o recalçado universal. Pois bem, o juízo está feito. O vento de leste adianta-se ao vento de oeste. Italianos, mais um esforço se querem liquidar os padres.

(Tradução de Teresa Amado)

\* *Psychanalyse et Sémiotique*, Actes du Colloque de Milan, 1974, coll. 10/18, Paris.